

A ESCHOLA PUBLICA

Luz, Luz, muita Luz! (Dr. Cactano de Campos).

Anno 5,000

MENSALMENTE - Onze numeros por anno

Avulso 500 rs.

Tiragem 1000 exemplares

1.º de Agosto de 1893.

Fundámos uma revista e temíamos ella não encontrasse elementos de vida num meio tão esteril como o da nossa terra. Inteiramente enganados andámos nós: o successo obtido excedeu á nossa expectativa e reconhecemos que o professorado publico pôde e quer ter uma folha pedagogica, pela qual se possa conhecer em um momento dado o nosso adiantamento em materia de ensino.

Nem foi só apoio material que nos veio: muitas felicitações, muitos termos de adhesão á nossa attitude, palavras de animação, tudo recebemos afim de que não deixassemos perecer uma folha pedagogica de nosso Estado.

Summamente gratos para com os que nos honraram com suas cartas, pedimos desculpas por não podermos dar publicidade a todas ellas, visto o limitado espaço de que dispomos. Não deixaremos, contudo, de transcrever a que nos enviou o nosso illustrado collega, sr. Arthur Raggio Nobrega, professor no Ribeirão Preto:

« Ribeirão Preto, 10 de Julho de 1893.

Distinctos redactores da *Eschola Publica*.

Felicito-vos pelo apparecimento de vossa folha.

E' digna de animação, de estímulo, de acoroçoamento, de louvores, a attitude que assumis.

O professorado paulista, desunido, precisa de um orgam que o dirija, de um centro que o oriente, de uma verdadeira folha de combate, em que pugne por seus interesses, em que patenteie os seus brios, em que espalhe, em que diffunda sua actividade intellectual e moral — cumprindo sua missão, santa, nobre, grandiosa, augusta, immorredoura!

E' preciso não deixar morrer a *Eschola Publica*: insta que todos corramos a amparal-a, a animal-a, a vivifical-a; que nos aggremiemos, que nos arrengimentemos.

Unamo-nos, façamos convergir nossos esforços para um escôpo bello, radiante, luminoso: ergamos a instrução publica do seu incrível abatimento, patrocinemol-a, tornemol-a verdadeira, real, concreta; eduquemos a creança...

Erguida pelo polimento das aptidões, pela diffusão de luzes, de principios, de doutrinas sãs, pela disciplina do dever e pelo civismo, — a Patria Paç será grande, forte, rica, poderosa, invejavel!..

Animo, camaradas! Avante, companheiros!

Vosso collega e amigo,

ARTHUR RAGGIO NOBREGA.»



ALGUMAS LIÇÕES DE BOTANICA

POR A. PEREIRA

A FLOR

O ensino de Botanica á uma classe infantil deve ser iniciado com o fim de desenvolver o habito da observação entre os alumnos, não devendo o professor ultrapassar o limite de descrições das differentes partes do vegetal: folha, flor, raiz, caule.

Convém, sempre que for possível, fazer o estudo nas proprias plantas: assim, é de muita vantagem que os meninos estudando, por exemplo, a flor, tenha uma para observal-a.

E' quasi indifferente a preferencia da parte que deva servir para encetar o estudo, e é por isso que daremos alguns modelos de lições, sem seguir nenhuma ordem de precedencia, começando pela flor, em razão do interesse que, em virtude do seu aspecto, mais facilmente desperta.

Tome-se uma flor cujos verticillos sejam bem caracterisados, uma rosa simples, por exemplo, e apresentando-a, pergunte-se á classe:

— Que é que tenho na mão?

— O senhor tem na mão uma flor, será naturalmente a resposta.

Caso algum algum alumno responda simplesmente—Uma flor, — deve-se-lhe exigir a sentença completa, afim de que o professor tenha occasião de corrigir qualquer vicio de linguagem que por ventura seja usado por algum da classe.

Pegue-se no pedunculo da flor e inquiral-se o nome desse appendice. E' provavel que as crianças chamem-no de *cabo da flor*. Então ensinase-lhes que tem o nome de pedunculo e exija-se que os meninos enunciem o que aprenderam com uma sentença igual ou identica á seguinte:

desta materia. Seria bom que os professores com mais um pouco de trabalho, organisassem um methodo muito simples, o mais rudimentar possivel, para as primeiras noções desta sciencia.

Com isto poderemos facilitar o estudo, tornando-o mais agradavel ás crianças, prestando-lhes assim um grande beneficio, evitando a fadiga de suas faculdades ainda não bastante desenvolvidas, não fazendo-as decorarem nomenclaturas de certos compendios adoptados e que só se prestam ás pessoas adultas.

As primeiras lições de geographia devem ter como ponto de partida a propria sala de aula.

Daremos começo ao ensino chamando á attenção das crianças para a collocação e disposição dos objectos da sala.

Depois de mencionarem os nomes dos objectos vistos na sala, faremos perguntas relativas aos logares occupados por elles.

— Onde está o relógio?

— O relógio está na parede.

Pergunte-se mais: — Em que parede está o relógio?

Dirão talvez: — O relógio está na parede da frente.

Continuaremos a interrogar uma outra criança.

— Em que parede estão as janellas desta sala?

Feita estas perguntas, o professor espera uma resposta sem mostrar-se impaciado pela demora.

E' provavel que as crianças dispondo de algum tempo possam dar uma resposta acertada.

— As janeas desta sala estão na parede de traz.

Agora que a criança já pôde sem difficuldade determinar esses dois logares, podemos encetar conversação a respeito dos objectos que estiverem aos lados.

— Guiomar vai dizer-me de que lado está a mesa desta sala.

Ella talvez responderá dizendo que a mesa está do lado esquerdo ou do direito, segundo a disposição da mobilia

Terminado este dialogo, é conveniente fazer uma recapitulação, para evitar confusões e tambem para termos occasião de verificarmos si as crianças nos comprehenderam.

Depois perguntaremos:

— Qual de vocês poderá apontar para o logar onde nasce o sol?

Dirão, talvez, apontando para o nascente:

— O sol nasce deste lado.

Feito isto orientam-se as crianças, convidando-as a voltarem-se do lado em que nasce o sol.

— Si o sol nasce lá, onde vai deitar-se?

A taes perguntas succederá que todas queiram responder a um tempo. Para evitarmos esta inconveniencia, chamaremos uma de cada vez, obrigando-a conservar-se em pé durante o tempo em que fôr interrogada. Consentiremos apenas que as outras dêem um signal de que podem responder a pergunta dirigida á companheira, e isto mesmo sem fazerem ruido para não chamarem attenção da classe: Diremos:

— Aquelle logar onde o sol nasce chama-se *nascente* e aquelle onde deita-se chama-se *poente*.

Estando a classe voltada para o nascente, diremos quaes devem ser os nomes dos logares que ficam a nossa direita e esquerda.

Para o logar da direita daremos o nome de *sul*, e para o da esquerda, *norte*.

Recapitulando:

— O logar onde o sol nasce chama-se *nascente*.

— O logar onde o sol deita-se, chama-se *poente*.

— O logar que fica ao lado direito, quando olhamos para o nascente, chama-se *sul*.

— O logar que fica a nossa esquerda, chama-se *norte*.

Desta fórma teremos orientado as crianças, empregando um meio muito facil e que em nada as prejudica e o que não aconteceria si collocassemos os livros, desde o começo, nas mãos dellas, obrigando-as a decorarem nomes que lhes são completamente extranhos.

E' necessario tambem que se dêem lições curtas, em attenção aos phenomenos psychologicos, visto que a fadiga do espirito não permite o raciocinio.

E' bastante para a primeira lição o conhecimento dos quatro pontos cardiaes; ou talvez seja isto assumpto para uma segunda e terceira, conforme o desenvolvimento dos alumnos.

Para continuação, partiremos da sala da aula para os outros compartimentos do edificio, sua collocação, descripção da cidade, arrabaldes e principaes edificios, taes como: o Palacio, a Thesouraria, a Academia, o Monumento do Ypiranga e outros.

→*←

ARITHMETICA ELEMENTAR

POR OSCAR THOMSON

II.

Ens nada a primeira lição oral de numeros, claro é que o professor tem necessidade de dar alguns exercicios escriptos.

Estes, forçosamente, devem começar pelos algarismos.

Vejamos, pois, os meios pelos quaes possamos ensinar as crianças a lerem e escreverem todos os algarismos.

Segure uma taboinha e pergunte ás crianças:

— Quantas taboinhas tenho?

— O senhor tem uma taboinha.

Vá ao quadro negro, segure o giz e diga-lhes:

— Uma taboinha se escreve assim, — 1 —

Segure um lapis e pergunte-lhes:

— Quantos lapis tenho?

— O senhor tem um lapis.

— Onde escrevi o algarismo 1?

— Que menino poderá mostral-o no quadro negro?

Obs. As perguntas devem ser sempre dirigidas á classe e quando mostrarem as crianças, desejo de responder, o professor c amará então uma dellas. Assim procedendo-se, acompanharão as crianças com muita attenção e interesse as explicações do professor.

— João, mostre.

— Leia.

— Um.

Agora todas as crianças vão ler o algarismo que escrevi na pedra.

— Leiam.

— Um.

— Segurem lapis e escrevam esse algarismo.

Todas as crianças devem copiar o mesmo algarismo tantas vezes quantas torem precisas, até que o façam com a maior perfeição.

Do mesmo modo deve o professor ensinar às crianças lerem e escreverem os outros numeros até 9.

Ensinemos agora as crianças a lerem e escreverem o algarismo — 0.

Erga o braço e pergunte-lhes:

— Que tenho na mão?

— *O senhor não tem nada na mão.*

— Pois bem, *nada*, também se escreve assim — 0.

— Leiam o que o giz fez no quadro negro.

— Nada.

Segurem o lapis e escrevam esse algarismo.

Poderá também o professor ir ao quadro negro, traçar um oblongo, dividir o lado superior e inferior em duas partes iguaes o lado esquerdo e direito em dez partes iguaes.

Unir o ponto de cima ao ponto de baixo, os pontos esquerdos aos pontos direitos, formando-se assim dez quadriculas do lado esquerdo e dez do lado direito.

No meio da primeira quadricula esquerda faça um ponto, na segunda, dois pontos, na terceira, tres pontos e assim até a ultima, na qual o professor nada escreverá.

Nas quadriculas direitas escreva os algarismos arabicos, de 1 até 0, correspondentes ao numero de pontos.

Agora fallemos às crianças.

Aponte a primeira quadricula e diga-lhes: — leiam.

— Um ponto.

Pois bem, o signal que o giz fez na quadricula seguinte representa esse ponto, é o algarismo 1, que póde ser 1 ponto, 1 lapis, 1 nariz, ou 1 objecto qualquer.

Escrevam agora na pedra o ponto e o algarismo 1.

Depois que fizerem com perfeição esse algarismo, ensine a lerem e escreverem os outros algarismos.

— A ultima quadricula não tem pontos, por isso eu puz aquelle signal, que se chama *nada*.

— Escrevam agora o signal que quer dizer nada.

A cada uma destas lições escriptas deve preceder uma outra oral.

UM POUCO DE CORES

POR MINERVINA PAYÃO

Para ensinar às crianças esta materia, não deve a professora começar contando-lhes o nome das cores, pois podem ellas reconhecerem-nas por si mesmas. Portanto não lhes dirá: Esta fita é vermelha, este lapis é preto, etc.

Deve a professora chamar a attenção da criança para tudo o que está ao redor della.

— Ha na classe duas meninas, Irene e Maria. A primeira está com vestido azul e a segunda com vestido preto. Dirá a professora á menor da classe:

— Alice, do qual vestido você gosta mais, do de Irene, ou do de Maria?

A resposta da criança será para a côr mais alegre, dizendo:

— Do de Irene.

— Porque gosta mais do vestido de Irene?

— Porque é mais bonito, dirá ella.

— Diga-me que côr tem o vestido de Irene?

— Azul.

— E o de Maria?

— Preto.

Deve agora a professora mostrar á criança duas côres azues, porém uma clara e outra escura. Perguntará a ella se as duas côres são iguaes. Perguntará:

— Porque não são iguaes?

— Um é mais preto e outro mais branco.

A professora dará outros termos dizendo, *mais claro e mais escuro*. Acontecendo que, a criança com quem a professora está fallando não responda que é azul, a professora percorrerá toda a classe, e entre ellas uma dirá que é azul.

Mas não deve contar a côr, em tão pouco abandonar a pequena que não soube. A esta, assim como às outras, que não souberam, deve a professora mandal-as procurar na sala outras cousas que sejam azues, perguntar-lhes si são iguaes; porque são iguaes, e porque não são, e assim fará com todas as outras côres.

Desta maneira a criança não se aborrecerá, toda a classe ficará influida e aprenderá com facilidade as diversas côres que nos cercam.

PRIMEIRAS LIÇÕES DE DESENHO

POR B. M. TOLOSA

II.

Com o primeiro exercicio as crianças aprenderam a nomear e a distinguir a linha recta e a linha curva. Esta noção, como todas as outras, deve ser cuidadosamente incutida no espirito dos alumnos, embora para isso seja necessario gastar uma, ou duas, ou tres lições, por isso que a repetição constante das mesmas idéas, ainda que sob fórmulas diversas, deve ser o caracteristico do ensino primario.

Certificado o professor do aproveitamento do primeiro exercicio por parte dos alumnos, continue com o

2.º exercicio: — Distribuição do material, pelo modo que já indicámos. Os alumnos permanecem de braços cruzados e o professor marcará na pedra dois pontos

e une-os por uma linha recta

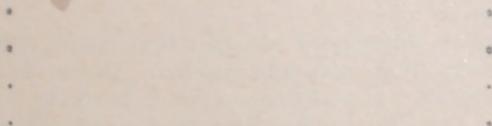
- Que é que eu fiz no quadro negro ?
- Uma linha recta.
- Em que posição está ella ?
- Deitada.
- Que fiz eu antes de traçal-a ?
- Marcou dous pontos e depois uniu-os por uma linha recta.

O professor illustrará a linha recta horizontal, mostrando-a nos moveis, nas paredes, nos quadros ; fará notar que para represental-a, marcou dous pontos, um do lado do outro, por fórma que nem um delles ficou mais alto ou mais baixo, e desenhou-a do lado esquerdo para o direito. Em seguida dirá :

— Uma linha recta deitada, de modo que nenhuma das pontas fique mais baixa ou mais alta que a outra, chama-se *linha recta horizontal*.

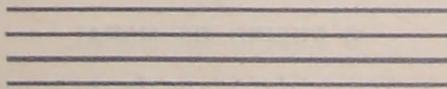
E mandará as crianças marcarem os pontos e fazerem linhas rectas horizontaes, uma, duas, ou tantas para quantas der o tempo da lição, observando estas direcções: Ensine as crianças acharem o lado esquerdo, ou o direito da pedra, os quaes correspondem ao braço esquerdo e direito respectivamente.

Fará no quadro negro o seguinte diagramma, que os alumnos copiarão em suas pedras :



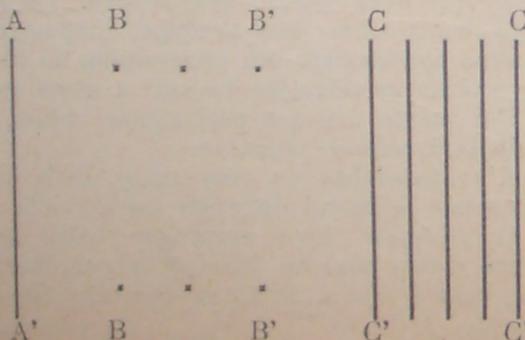
E perguntará :

- Como é que se desenham as linhas rectas horizontaes ?
- Da esquerda para a direita.
- Mostrem-me o lado esquerdo de vossas pedras. Tracem as linhas rectas horizontaes.
- Deve-se obter :



Recolha-se o material como no 1.º exercicio.

3.º exercicio : — Distribuição do material. A classe de braços cruzados espera o professor fazer no quadro negro dous pontos A e A' e uniu-os por uma linha recta.



- Como está a linha que eu fiz ?
- Ella está de pé.

Mande as crianças mostrarem nos moveis, nas portas, linhas rectas de pé. Ensine-lhes que as linhas de pé, são desenhadas de cima para baixo, e que se não inclinam nem dum lado nem doutro. Depois diga :

— Uma linha recta de pé, que não se inclina nem dum lado nem doutro, chama-se *linha recta vertical*.

Faça o diagramma B B' B B', para as crianças copiarem e desenharem as linhas rectas verticaes CC' CC'.

4.º exercicio. — Distribuição do material como no exercicio anterior. O professor fará, seguindo as mesmas direcções anteriores, uma linha obliqua no quadro negro :

- Que é que fiz eu ?
- Uma li ha recta inclinada.

Illustre a linha em muitos objectos da sala e ensine :

— Uma linha recta que não é horizontal nem vertical, chama-se uma *linha recta obliqua*

As crianças são muito propensas a confundirem a fórma com a posição das linhas.

Si não houver bastante cuidado desde os primeiros exercicios, ellas só chamarão linha recta àquella que estiver vertical; perdem a idéa do que seja a linha recta para as outras posições, chamando-as simplesmente obliquas ou verticaes.

A ZOOLOGIA EM LIÇÕES DE COUSAS

POR A. PEREIRA

ANIMAES DOMESTICOS

Ao estudo do homem deve seguir-se o dos animaes domesticos, por isso que assim procedendo, poderemos fazer observações sobre os proprios animaes, o que resulta grandes vantagens ao ensino pela maior firmeza dessas observações e pelo vivo interesse que desta fórma desperta o estudo aos meninos.

Antes de escolher o animal, que primeiro deve ser estudado, é necessario firmar na classe, a idéa do que seja um animal domestico.

Com este fim deve-se interrogar a classe, fazendo-a nomear os animaes domesticos que conheça, encaminhando-a de modo a conseguir-se della o seguinte resultado :

« Os animaes domesticos são os que vivem com o homem, acompanhando-o em seus trabalhos e prestando-lhe serviços.

Ha animaes domesticos cuja utilidade consiste em nos alimentar com sua carne.

O cão, o gato, o carneiro, o boi, a gallinha, o ganso, o cavallo, o burro, o cabrito são animaes domesticos.»

Com estas noções bastante firmes, estão os meninos preparados para o estudo dos animaes domesticos, devendo o professor, sempre que for possível,

o gato de Maria apanhou um rato
o livro de Pedro é novo

A casa está aberta

Insista sobre a letra inicial da sentença e sobre o ponto final, e repita a regra perseverantemente, todos os dias, até que a sua observação se torne um habito na criança.

— Escreva sentenças sobre o vosso gatinho, sobre o vosso cão. Escreva uma sentença dizendo do qual você gosta mais: do cão ou do gato?

Não é nosso intento, por certo, traçarmos uma bitola invariavel, a que deva sujeitar-se todo o professor, no desenvolvimento desta materia. Apenas visamos produzir suggestões a todo professor paulista, na expectativa de que em breve cada um educador tenha formado ou aperfeiçoado systemas de ensino, em beneficio do cultivo de nossa lingua.

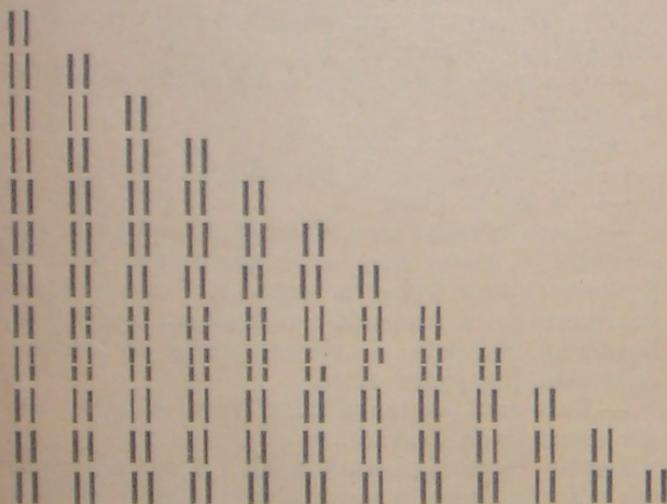
Para as classes mais adiantadas ha algumas grammaticas que satisfazem mais do que soffriavelmente, e entre ellas lembraremos a do sr. Feitosa. A difficuldade é patente e muito patente nos primeiros exercicios de escripta que faz a criança. Temos recebido em nossas classes da Eschola Modelo meninos e meninas de grande desenvolvimento intellectual e que entretanto são incapazes de escrever uma unica sentença, sem erros orthographicos e solecismos intoleraveis.

TABOADA

POR OSCAR THOMPSON.

Ensinamos taboada ás crianças usando os tornos de sapateiro, mas si o professor não puder obtel-os poderá usar grãos de feijão, de arroz.

Tratemos pois do modo, de ensinar a taboada. Dê as crianças os tornos, ou os grãos de feijão, de arroz e ensine cada uma a fazer o seguinte aranjão: —



Durante o tempo que a criança dispõe para arranjar os tornos, tem ella necessariamente occasião para comprehender e fixar na memoria a taboada.

Assim, comprehenderá que o primeiro aranjão que fez, tem um grupo de dois tornos, que são dous, o segundo tem dous grupos, que são quatro, e cada grupo, compõe-se tambem de dois tornos e assim por diante.

Dirá a criança a taboada, tendo o professor o cui-

ludo de obrigar-a a apontar com o dedo os grupos de tornos a medida que a for proferindo assim:

Um dous são dous.

Dous dous são quatro.

Tres dous são seis.

Quatro dous são oito.

Cinco dous são dez.

Seis dous são doze.

Sete dous são quatorze.

Oito dous são dezeseis.

Nove dous são dezoito.

Dez dous são vinte.

Onze dous são vinte e dous.

Doze dous são vinte e quatro.

Deve-se omittir as palavras vezes ou multiplicado visto as crianças não comprehenderem taes expressões.

ESCHOLAS.

A cidade de Itú acaba de dar um passo bastante seguro em materia de instrucção publica. Sob a direcção do Professor Francisco Mariano da Costa, estão todas as escholas do sexo masculino daquela cidade funcionando em um só estabelecimento, convenientemente preparado para esse fim.

Congratulamo-nos com a municipalidade de Itú por tão acertada medida.

O Dr. Cesario Motta, dignissimo Ministro do Interior, por iniciativa propria, fez acquisição de um terreno no bairro da Luz, para nelle edificar uma casa em condições pedagogicas, na qual pretende installar uma eschola calcada nos moldes da Eschola Modelo, annexa á Eschola Normal.

Nós, professores publicos, sentimo-nos jubilosos, por vèrmos a testa do governo deste Estado, um homem que tanto interesse, tanto desvelo dispensa á infancia paulista.

E' digno dos maiores encomios o acto do Dr. Cesario Motta.

Arithmetica Escholar

Cadernos para o ensino nas escholas publicas

Collecção de seis cadernos abrangendo as quatro operações fundamentaes e principios dos decimaes.

Obra recebida com applauso e que auxilia efficazmente no ensino desta disciplina.

Preço da collecção de seis cadernos

1000 réis

Avulso o caderno

200 réis

A' venda na livraria Paulista

65—rua de S. Bento—65

S. Paulo

A ESCOLA PUBLICA

SOB A DIRECÇÃO DOS PROFESSORES

Oscar Thompson, B. M. Tolosa, Joaquim de Sant'Anna e A. R. Alves Pereira.

— Toda a correspondencia deve ser dirigida a Benedicto Maria Tolosa, rua das Flores, n. 44, S. Paulo.

— Rogamos as pessoas que reeberem nossa folha, nol-a devolverem, caso não queiram ser consideradas assignantes.

— Não restituiremos originaes que nos forem enviados.

Typ. Hennies & Winiger — S. PAULO.